

Texto final dos estudantes-artistas, mediadores do evento: *antagonismos e falsos antagonismos*

por Alexandre Falcão de Araújo,
Lígia Borges e Milene Valentir Ugliara

Urduídas da Performance propôs o entrelaçar de corpos, de tempos e de espaços para sustentar uma importante discussão das artes cênicas contemporâneas: relações possíveis entre teatro, ensino e *performance*. A multiplicidade de compreensão e de práticas observada ao longo dos três dias de discussão, apresentada de maneira honesta e convidativa ao diálogo, parece uma maneira saudável de estímulo à reflexão.

Acreditamos que a oportunidade de conhecer o diferente seja fundamental à ampliação do olhar, ao aprimoramento da capacidade crítica e à liberdade de criação. Conhecer o outro e o que por ele é produzido auxilia a pensar e a contextualizar o que é feito, evitando reproduções alienadas ou apropriações ingênuas de conceitos.

Nesse sentido, as falas dos encontros explicitaram campos de conflito entre vertentes distintas da práxis artística brasileira contemporânea, apontando possíveis antagonismos sobre os quais vale a pena a continuidade da reflexão. Entre os diversos temas tratados, é importante citar os paradoxos estabelecidos entre *performance* e teatro político, matrizes norte-americanos e outras origens (inclusive ameríndias) da *performance*, atuação nas esferas macro e micropolítica, co-moção (no sentido de mover-se junto) e hermetismo.

A apreensão dos mediadores das mesas do encontro revela que a “satanização” da forma não é o caminho para a superação das contradições evidenciadas. A *performance* brasileira contemporânea não herdou exclusivamente a matriz norte-americanos e não compartilha todo o projeto político pragmático que pode estar por trás dessas práticas nos Estados Unidos da América. A diversidade de manifestações e de projetos em nosso contexto permite que pensemos a relevância do campo performático para além do uso desse conceito meramente como moda ou como importação de um modelo.

O desafio de não se dissociar da esfera macropolítica diz respeito a todas as vertentes artísticas, é uma necessidade para a sociedade, mas passa também pela superação de autoritarismos e opressões existentes

no campo da microfísica do poder. Assim, a proposta de mover-se junto é imperativo para qualquer criação que se pretenda coletiva, que queira ocupar espaços públicos e promover transformações na ordem que nos é imposta. A consciência crítica dos usos da forma e dos procedimentos estéticos presentes nas criações, inclusive a das contradições implicadas no fazer artístico (e sempre haverá contradições) é, portanto, fundamental para a superação das segregações entre os campos da arte, sem negar as diferenças.

